

Fonoaudiologia, mãe, criança: encontros e desencontros na cena terapêutica de fala e linguagem

Speech therapy, mother, child:
encounters and disagreements in the
therapeutic speech and language scene

Terapia del habla, madre, hijo:
encuentros y desacuerdos en la escena
terapéutica del habla y el lenguaje

Priscila Mara Ventura Amorim Silva* 

Sonia Maria Sellin Bordin** 

Resumo

Este estudo se inscreve no campo da prática clínica fonoaudiológica do processo de linguagem, língua, fala e discurso de um menino de sete anos de idade com apraxia de fala na infância. A proposta recobre os aspectos clínico-teórico-práticos que interrogaram a fonoaudióloga ao longo do acompanhamento longitudinal de 3 anos e dois meses. As interrogações não se limitam à cena terapêutica, mas delineiam também o movimento linguístico da criança que se dá fora dela (família, escola, ambientes sociais) e retorna, pulsionando a prática clínica. A mãe da criança é a narradora do que acontece fora da cena terapêutica em meio à entrevista semiestruturada realizada pela fonoaudióloga. O encontro da profissional, mãe e criança revela um determinado percurso clínico no acompanhamento de uma criança com apraxia de fala na infância, marcado especialmente pela atuação terapêutica e de orientação familiar e escolar da fonoaudióloga, pelo papel desempenhado pela mãe, pela análise do percurso de subjetivação da criança na língua.

Palavras-chave: Fonoaudiologia; Apraxias; Família; Linguagem; Fala.

* Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP – Campinas, SP, Brasil.

** Clínica Plural – Campinas, SP, Brasil.

Contribuição dos autores:

PMVAS: concepção do estudo; metodologia; coleta de dados; esboço do artigo; revisão crítica; orientação.

SMBS: concepção do estudo; metodologia; esboço do artigo; revisão crítica; orientação.

E-mail para correspondência: Priscila Mara Ventura Amorim Silva - pventura@unicamp.br

Recebido: 25/06/2020

Aprovado: 05/10/2020

Abstract

This study is part of the field of speech therapy clinical practice of the process of language, speech and discourse of a seven-year-old boy with apraxia of speech in childhood. The proposal covers the clinical-theoretical-practical aspects that questioned the speech-language therapist over the longitudinal monitoring of 3 years and two months. The questions are not limited to the therapeutic scene, but they also delineate the linguistic movement of the child that takes place outside of it (family, school, social environments) and returns, pushing the clinical practice. The child's mother is the narrator of what happens outside the therapeutic scene amid the semi-structured interview conducted by the speech-language therapist. The meeting of the professional, mother and child reveals a certain clinical path in the monitoring of a child with apraxia of speech in childhood, marked especially by the therapeutic and family and school orientation of the speech-language therapist, by the role played by the mother, by the analysis of the path of subjectivity of the child in the language.

Keywords: Speech, Language and Hearing Sciences; Apraxias; Family; Language; Speech.

Resumen

Este estudio es parte del campo de la práctica clínica de terapia del habla del lenguaje, el lenguaje, el habla y el proceso del habla de un niño de siete años con apraxia del habla en la infancia. La propuesta cubre los aspectos clínico-teórico-prácticos que cuestionaron al logopeda durante el monitoreo longitudinal de 3 años y dos meses. Las preguntas no se limitan a la escena terapéutica, sino que también delimitan el movimiento lingüístico del niño que tiene lugar fuera de él (familia, escuela, entornos sociales) y regresa, impulsando la práctica clínica. La madre del niño es la narradora de lo que sucede fuera de la escena terapéutica en medio de la entrevista semiestructurada realizada por el logopeda. La reunión del profesional, la madre y el niño revela un cierto camino clínico en el acompañamiento de un niño con apraxia del habla en la infancia, marcado especialmente por la orientación terapéutica y familiar y escolar del terapeuta del habla, por el papel desempeñado por la madre, por el análisis del camino de subjetividad del niño en el lenguaje.

Palabras clave: Fonoaudiología; Apraxias; Familia; Lenguaje; Habla.

Introdução

Estudos mais recentes sobre a “apraxia de fala na infância” (AFI) definem que *praxia* resulta da maturação neurológica da criança, ao longo do desenvolvimento, no aprendizado funcional da interação motora e sonora da língua ouvida com a própria produção da fala¹. A apraxia pode decorrer da imaturidade neurológica que interfere no conjunto de sistemas e estratégias neuromotores controlador da produção de fala, da precisão e da variabilidade dos movimentos articulatorios observados em crianças pequenas¹. As explicações médicas a associam às etiologias neurológicas (intrauterinas, infecções ou traumas), aos distúrbios neurocomportamentais complexos (genéticos ou metabólicos), à alteração na área de Dronckers (responsável pelo planejamento e execução de movimentos de fala) ou, ainda, à origem neurogênica idiopática^{1,2}.

O acompanhamento fonoaudiológico é recomendado para todos os casos de AFI. Na prática clínica aqui representada é privilegiada como uma questão que inclui fala, língua e discurso presentes nos diferentes usos de linguagem (Pragmática). Desse ponto de vista a AFI não se limita a uma questão especificamente motora de produção de fala¹ porque implica o processo de subjetivação do sujeito na/pela linguagem².

A proposta do presente estudo é dar visibilidade a uma (dentre outras) análise clínico-teórica das cenas do acompanhamento fonoaudiológico semanal de um menino de sete anos com diagnóstico de AFI. Para atingir tal proposta considera-se com igual valorização o que acontece fora da cena terapêutica, mas repercute nela.

1. Privilegiamos o termo “produção de fala” em detrimento de “instalação” ou “colocação” de fonemas, termos também encontrados no campo da Fonoaudiologia.

Assim, por um lado a orientação familiar não se limita aos treinos fonoarticulatórios, mas torna-se um canal de mediação entre o que a fonoaudióloga mostra para a família sobre a criança em meio às atividades pragmáticas de linguagem/fala na língua (brincando, cantando, representando, desenhando², entre outros). Por outro lado, a família aproxima a fonoaudióloga dos acontecimentos cotidianos que envolvem a criança fora da cena terapêutica.

Ou seja, dessa relação resultam saberes norteadores sobre o lugar de interlocutor que é destinado à criança, quais são seus interlocutores, como estes significam sua fala e como lidam com a impossibilidade de significá-la e, por fim, como os pais compreendem o diagnóstico do filho e o processo nele envolvido.

Diante dessas hipóteses elegemos a mãe da criança como a personagem cuja narrativa retrata diferentes cenários linguísticos e amplia a compreensão sobre o que envolve o trabalho fonoaudiológico de uma criança com AFI. Para isso utilizou-se como meio uma entrevista semiestruturada da fonoaudióloga com a mãe dirigida então, especificamente, às questões de fala e de linguagem do filho, às estratégias que usou para lidar com o que não podia significar na fala dele e como vivenciou o processo fonoaterapêutico da criança.

Em tempo, a entrevista é um tipo de pesquisa qualitativa que busca a compreensão de relações complexas e à medida que produz texto, caracteriza-se como um ato social de construção de conhecimento⁴.

Método

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências Médicas - UNICAMP sob o protocolo de no. 018/2017 com Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pela mãe.

O estudo recobre a avaliação, terapia, orientação familiar e escolar e os desdobramentos teóricos do acompanhamento fonoaudiológico longitudinal de um menino de sete anos com diagnóstico de AFI. O acompanhamento, com uma sessão semanal, iniciou-se quando o mesmo contava com quatro anos e três meses (janeiro de 2016), e o período

considerado nesta pesquisa equivale aos três anos e dois meses iniciais (até fevereiro de 2019).

A entrevista semiestruturada caracteriza-se como um instrumento de pesquisa que favorece a identificação, a explicação e a compreensão de fenômenos pertinentes a uma dada situação social que apesar de singulares, afetam um número amplo de pessoas que experimentam a subjetividade de uma mesma circunstância^{5,6}. No presente estudo, trata-se da entrevista de uma fonoaudióloga com uma mãe sobre questões pertinentes ao acompanhamento fonoaudiológico de uma criança com diagnóstico de AFI.

A atenção dada à formulação de perguntas feitas pela fonoaudióloga manteve o perfil dialógico aberto se moldando aos aspectos clínico-teórico-práticos que a interrogaram/interpelaram ao longo do acompanhamento da criança, visando cinco objetivos: 1. A busca da família pelo diagnóstico médico e fonoaudiológico da criança; 2. A significação que a mãe faz da fala e da falta da fala do filho no processo de aquisição de linguagem; 3. O relacionamento social/familiar da criança; 4. O acesso da criança à escola e aos processos de leitura e escrita; 5. Como se revela na fala da entrevistada sua percepção sobre o acompanhamento fonoaudiológico do filho.

A entrevista realizada, em 14 de fevereiro de 2019, foi gravada em áudio com a duração de 40 minutos e 27 segundos e transcrita literalmente. A transcrição literal é indicada para entrevista reproduzindo sem correção os aspectos de fala e linguagem, preservando do contexto linguístico original os equívocos e marcas emocionais⁷.

Para que a transcrição esteja sob a exigência ética de proteção da identificação dos sujeitos participantes, o sujeito em acompanhamento teve sua identificação substituída pelos termos: “criança”, “menino”, “filho”, “a fala da fonoaudióloga” pela letra F e “a fala da mãe” pela letra M.

Devido ao fato de as perguntas dirigidas à mãe terem como base as interrogações que interpelaram a fonoaudióloga, a análise e apresentação de cada dado recortado da entrevista se compõe por um conjunto de trechos que contemplam cada um dos cinco temas acima elencados. Essa opção busca aproximar o leitor dos contextos clínico-teórico-práticos que originaram as diferentes perguntas. Em seguida, no item *Discussão*, delinearíamos as análises realizadas e, por fim, teceremos a *Conclusão*.

2. Para Vygotsky³ a fala organiza o desenho e dirige sua ação gráfica ao mesmo tempo em que o desenho organiza a fala, dando mostras de que a atividade de desenhar é dialeticamente constituída por estes dois movimentos.

O pressuposto teórico empregado nas análises dos dados se respalda majoritariamente nos estudos desenvolvidos por autores da Linguística⁸⁻¹¹, especialmente da Neurolinguística Discursiva^{6,9-14} e da Aquisição de Linguagem¹⁵. Ressaltamos, assim, que estudos clássicos das referidas áreas serão retomados.

Apresentação de dados e análises

Dado 1. A busca da família pelo diagnóstico médico e fonoaudiológico da criança.

Os pais estão preocupados porque o filho aos três anos de idade ainda não fala. E, a partir do imaginário que ia do normal a problemas graves, a família começa a procurar por um diagnóstico médico e fonoaudiológico que nomeie o que o filho apresenta.

I.a. F: O que você achava que ele tinha, lá no começo ...?

M: *Eu não tinha noção do que ele tinha ... porque ... aí fica a família ficava falando assim: “Tá tudo bem com seu filho? “Ele é normal?” “Ele tem alguma coisa?” “Ele não tem nenhuma síndrome?” Eu cheguei a ouvir isso ... e ... acabei me afastando da família por isso. Eu não sabia por que passava com a médica ... A pediatra não tinha conseguido nenhum encaminhamento (para fonoaudiólogo). Eu não sabia só achava assim tá demorando ... ele é preguiçoso ... ele não fala porque você não incentiva...*

I.b. F: Vocês (a mãe e o pai) chegaram a conversar sobre o que será que a criança tem? Isso me chateia ... Ou esse não era um assunto que você discutia com o seu marido ou vocês não falavam disso?

M: *A gente falava... fala sim ... ficava tentando ... sempre ligando no posto de saúde para ver se tinha saído a vaga pra ele na fono que era na policlínica. Meu marido ligava sempre e “ah! não consegui”. “Ah, vamos vê se acha um convênio”, mas o convênio não cobre a terapia de fono. Ele se cobrava ... porque nossa, “não tenho condições de dar um tratamento para o meu filho, um tratamento adequado”. Talvez ele precisa disso com urgência e eu não tenho. Então, eu às vezes procurava não ficar falando para ele não se sentir mal em relação a isso.*

I.c. Quando a criança contava com quase 4 anos de idade, passou por uma triagem fonoaudio-

lógica no posto de saúde da cidade onde reside. A narrativa da mãe sobre isso é a seguinte:

M: *... eu passei por uma outra fono que virou para ele e falou”. Se você não falar direito eu não vou te entender!” e ele chorou. Se ele falasse direito não ia precisar levar em fono. Eu estava do lado de fora com meu esposo e ela e ele falou do jeito dele balbuciando, foi uma triagem. Ela falou assim que ele tinha preguiça ...*

Análise

A espera da família pelo diagnóstico médico e atendimento fonoaudiológico, desde quando a criança tinha cerca de três anos de idade, expõe um conflito entre o que a mãe e os outros pensam. Trata-se de um paralelo de diferentes possibilidades em um espectro imaginário que inclui: problema de desenvolvimento, possibilidade de uma síndrome, comportamento preguiçoso da criança, cobrança e culpa da mãe em achar que não o incentivou suficientemente a falar e, por fim, o tempo como possibilidade de resolução natural do problema.

Esse conjunto de questões se agrava devido à impossibilidade financeira da família em pagar o atendimento, ao apagamento da responsabilidade do Estado frente à saúde pública e à classificação da fonoterapia como não prioridade em grande parte de convênios médicos brasileiros. Soma-se a isso o fato de, na fala da mãe, a primeira fonoaudióloga não dimensionar a demanda da criança. Todos esses acontecimentos prolongaram o tempo de permanência da criança na mesma condição sem atenção fonoaudiológica necessária quanto à avaliação, intervenção, orientação familiar³ e escolar.

Dado 2: A significação que a mãe faz da fala e da falta da fala do filho no processo de aquisição de linguagem.

Na perspectiva da Aquisição de Linguagem proposta por De Lemos a criança é um interlocutor privilegiado, desde e antes de seu nascimento, devido à anterioridade da linguagem, a presença do outro e da língua e o efeito da fala do adulto sobre a fala da criança¹⁶. Os aspectos proprioceptivos, ou seja, as sensações e percepções advindas do corpo, a experimentação da movimentação dos fonoarticuladores e das caixas de ressonâncias vocais, a percepção da sonoridade (prosódia e entonação)

3. Entendemos por “orientação familiar” o espaço de discussão, reflexão e análise teórica envolvendo a família e o fonoaudiólogo frente ao que a criança apresenta.

decorrentes da voz da mãe (e do outro) afetam o corpo do bebê na interação e recobrem as múltiplas entradas da criança na linguagem, na língua e na fala. Processo que se dá sempre a partir da significação do outro impregnado do linguístico/discursivo em que este também foi significado^{13,14,17-19}.

2.a. F: Agora me conta uma coisa, você está me dizendo que ficava traduzindo, você muitas vezes ficava traduzindo a partir de uma coisa que você imaginava? Você entendia exatamente sempre o que ele falava?

M: *Eu pegava uma palavra no dia a dia uma palavra ou outra isolada, eu acostumava com o som da palavra eu não sei, não sei explicar hoje. E quando eu falava a frase completa e ele fazia sim com a cabeça eu entendia que eu tinha acertado.*

2.b. F: Você traduzia?

M: *Ah é. Eu pegava e perguntava sempre era de uma forma de ... questionando. Que nem um vídeo que eu tenho lá. "ah eu quero", ele falando do jeito dele, "nadada", "vc quer uma vaca? Ele falava "i" e não é. Uma vaca de presente pra que? "Dadete" "Ah é pra dá leite?" e ele "i", então significava que eu tinha acertado. Era na sorte.*

2.c. F: Então você pegava o contexto e tentava conhecer a partir daquilo?

M: *Ahã* (tom de afirmação)

2.d. F: Porque ... você lembra? Algumas vezes que eu mandava o que ele tinha feito de atividade aqui. E depois te mandava ele contando a atividade e você dizia: "eu não consigo entender". Normalmente essa tradução tinha que estar ali na situação pra poder ajudar?

M: *Sim.*

2.e. F: Você achava que ele ficava muito deprimido, chateado?

M: *Ele sentia falta de contato com outras pessoas e outras crianças e quando ele tinha oportunidade de brincar ... que ele percebia que as outras crianças quando não entendia ele...*

2.f. F: Bom, e aí voltando na situação da gravação. Eu pedi para você gravar para mim, lembra? E aí me lembro muito da sua fala: "Olha, eu gravei, mas eu editei o que eu gravei porque senão ficava muito grande". Era isso mesmo, como foi seu sentimento quando eu pedi para você gravar ele falando?

M: *É porque surgem tantos detalhes e aí ... assim...*

é porque ele disfarça... ta conversando alguma coisa com ele e ele acaba disfarçando ... ele disfarça... agora não, mas assim... ele disfarça, ele para. Agora não se você quiser fazer alguma coisa com "ele continua você consegue". Tanto que ele pega um celularzinho que eu tenho lá e ele fala e quer ter um canal (Youtube).

Análise

Esta é a mais forte inquietação que permaneceu com a fonoaudióloga ao longo do acompanhamento. Se o processo de aquisição de linguagem se encora na interação inicial com a mãe como matriz de significação, como o processo se deu no caso dessa criança? Chamou a atenção da fonoaudióloga o termo "tradução" frequentemente usado pela mãe.

As matrizes de significações iniciais na língua - sentido, referência, contextos das palavras - advêm da mãe, ou de quem exerce essa função, que insere a criança na cultura. Posteriormente, na trajetória linguística da criança, essa inserção é ampliada a partir de sua relação com diferentes interlocutores, nos diferentes usos sociais da língua^{17,20,21}.

Nesse percurso, observamos que as interpretações/significações da mãe passam por diferentes graus de afastamento e de aproximação do sentido pretendido pela criança e vice-versa. Sabemos que existem, por exemplo, condições que afetam na criança⁴ sua produção de fala, e/ou a relação significado e significante e/ou o contexto linguístico/discursivo, inviabilizando a manutenção do sentido partilhado pelos interlocutores. Entretanto, o jogo de aproximação e afastamento de sentidos presente no início do processo de subjetivação do sujeito, manter-se-á também em algum grau em sua futura condição de falante porque o mal-entendido é uma das interfaces da linguagem/ língua/fala na interlocução²².

De tal modo, consideramos que o percurso trilhado pelo par dialógico *mãe-criança* ou *criança-outros* (fonoaudiólogos, professores, familiares, amigos) é complexo e rico em detalhes e nele ganham luminosidade os fenômenos que só são revelados em *circunstâncias de patologia*, nos termos de Freud¹³. O autor, no campo da neurologia (neuropatologia), analisa que aprendemos a falar sempre guiados pelo sentido que a palavra veicula,

4. Nos referimos a diferentes condições que incidem na impossibilidade de fala (Paralisia Cerebral); na partilha de uma mesma modalidade de língua (Surdez); na manutenção de um diálogo (Transtorno do Espectro Autista).

falamos a palavra associando à sua imagem sonora (palavra na língua), sua impressão de inervação, sua imagem cinestésica do corpo, ou seja, impressões sensoriais/proprioceptivas procedentes dos órgãos da fala. Essas impressões ficam registradas no cérebro como traços de memória que vão se estabilizando na produção vocal da fala. Então, depois de um tempo na interação com o outro, a criança começa a repetir a língua porque se apropriou das imagens motora, cinestésica, sonora dos fonemas e de suas combinações na estrutura dessa mesma língua.

Colabora para que isso venha acontecer a modificação que o adulto faz em sua própria fala (*Fala Dirigida à Criança - FDC*) para se adequar à da criança⁵, imprimindo aos sons produzidos por ele os sentidos afetivos, sociais, cognitivos e discursivos em uma dada língua. Posteriormente, esses “mecanismos” são relativizados porque a criança se apropria cognitiva e psiquicamente da vivência proprioceptiva plena de sentidos na linguagem/língua/fala.

Para ampliar nossa reflexão sobre estes fenômenos, retomamos De Lemos¹⁶ para compreender como a criança constrói sua relativa⁶ autonomia linguística na trajetória de *infans* a sujeito falante. Para a autora, o funcionamento linguístico da criança é afetado pela sua mudança de posição em uma estrutura que se compõem de três polos simultaneamente articulados, dando mostra da subjetivação do sujeito sob determinada dominância: na primeira posição a dominância está na *fala do outro*, na segunda, no *funcionamento da língua*, e, na terceira, na *relação do sujeito com a sua própria fala*.

Assim, a primeira posição mostra a dependência da criança em relação à fala da mãe e que a progressão do diálogo mãe-criança se ancora na fala/interpretação da mãe. Há opacidade e *não coincidência entre a fala da mãe e a fala da criança*. *A fala da mãe se revela na fala da criança, é no fragmento dessa fala que a subjetivação do sujeito se torna possível*¹¹; na segunda posição os enunciados da criança são marcados pelos *erros e a impermeabilidade da criança à correção do*

*erro pelo adulto*¹¹; na terceira posição *emerge o sujeito falante, aquele que fala e escuta a própria fala, reconhece a diferença entre a sua fala e a do outro*. Há coincidência entre a fala da criança e a do adulto, assim como ocorrências de pausas, hesitações, reformulações e correções.

Não é nossa proposta caracterizar aqui em qual posição o filho da entrevistada se encontra, mesmo porque na simultaneidade operacional dessas dominâncias, quando uma está em evidência as outras também se articulam, só que de modo diferente. Interessa-nos refletir sobre a dupla face do percurso linguístico da criança, que aparece tanto na fala da mãe quanto nas inquietações da fonoaudióloga.

Alinhamos acima diferentes estudos para dar conta de que os aspectos proprioceptivos interferem na produção da fala, *nos ajustes* que a criança faz de sua fala àquela que escuta. Por outro lado, sabemos que o sujeito dessa pesquisa se apresenta com AFI que incide especialmente na produção da fala, alterando suas possibilidades de aproximação e repetição da língua.

Os estudos que apresentamos ressaltam, ainda, diferentes e importantes aspectos do eixo linguagem - língua - fala: o processo de subjetivação do *infans*, quando capturado pela língua, a repetição proprioceptiva da língua¹³ e a imersão da criança na melodia interativa¹⁸. Entretanto, a linguagem, língua, fala e discurso também requerem, em concomitância ao ambiente dialógico, substratos psíquicos, cognitivos e neurofuncionais (aprendizagem, memória, entre outros) à medida que o funcionamento linguístico pressupõe atribuição de sentidos tanto às parcerias de olhares quanto às palavras em contextos determinados apropriados e reapropriados pelo falante ao longo da vida.

Vimos, nas referências de De Lemos, que a relação dialógica da criança com a mãe é inicialmente marcada pela *não coincidência*, pela *opacidade* de sentidos, e que *nos intervalos dos fragmentos da fala da mãe*, abrem-se espaços para a subjetivação da criança, acesso ao simbólico apresentado pela mãe. Esta nos parece, para além da apraxia, ser a explicação mais forte para as questões de fala apresentada pelo filho da entrevistada. Não percebemos a formação de um par dialógico mãe-filho, o que, por consequência, parece ter inviabilizado a permanência dos *fragmentos de fala da mãe* como espaço de subjetivação da criança. Resultando disso, aparentemente, o congelamento da criança e da mãe nesta condição.

5. Caracterizada, por exemplo, pela redução da extensão frasal, maior visibilidade dos movimentos fonoarticulatórios, intensificação da prosódia, dentre outros.

6. É relativa pois as redes de sentidos não se fecham, passíveis de resignificação pela vivência do sujeito. Diante disso a autonomia do falante nos parece sempre temporária.

O que se observou é que para dar conta da opacidade da fala do filho, o termo *tradução* surge na fala da mãe e parece indicar que ela “traduz” para o mundo o que adivinha que o filhoalaria. Como consequência possível, a fase de *opacidade* e de *não coincidência de sentidos* da relação mãe - criança que seria breve, em meio à transição do primeiro para o segundo ano de vida, no caso da entrevistada e seu filho se mantém por muito mais tempo.

Diante disso, a fonoaudióloga se deparou com questões difíceis de serem respondidas: A apraxia de fala desse menino foi de fato o que desencadeou sua impossibilidade de falar? O que originou no percurso linguístico da criança seu impedimento de ser *capturado* pela língua? O que se estabilizaria como signo linguístico quando, por um lado, ele não consegue repetir a língua e, por outro, conta com inconsistência da “adivinhação” da mãe? O que dá à mãe a certeza de que ele lhe fala mesmo sem falar? E, nessa impossibilidade de a criança ser marcada pela língua, é possível aceitar que a mãe “traduz” a “não língua” do filho para o mundo? A função da mãe como “produtora de sentido” não seria ao contrário, traduzir em sons para o filho o mundo percebido por ele?

Para compreender em qual medida a fala do filho era realmente significada pela mãe e para esta ganhasse um distanciamento de observação em relação ao que referia como tradução, a fonoaudióloga, em comum acordo com a mãe, optou em usar o aplicativo *WhatsApp* para lhe enviar gravações de mensagens de voz da criança contando sobre as atividades realizadas na sessão. A mãe referiu não compreender nada do que ele dizia.

A fonoaudióloga também sugeriu que ela gravasse a criança contando sobre algo que fez com a família e lhe encaminhasse. O que motivou a fonoaudióloga a manter essa dinâmica eram também as diferentes possibilidades que a atividade oferecia de a criança experimentar o lugar de interlocutor, criar o hábito de mandar mensagem, poder ouvir o que falou, ter a resposta de seu interlocutor e partilhar esses momentos com os familiares. A mãe demonstrou muita dificuldade em lidar com a fala da criança e justificou ter *editado*⁷ a (única) mensagem enviada para a fonoaudióloga devido ao longo tempo de gravação da fala do filho.

7. Editar: alterar, modificar²³.

Dado 3: O relacionamento social e familiar da criança.

A partir de Bakhtin²⁰ compreendemos que a ampliação do domínio semiótico do falante dependerá de novas interações com diferentes cadeias de signos já estabelecidas (ambientes sociais, familiares, escolas etc.), isso porque não há significado desvinculado de seu contexto histórico. Assim, os signos derivam das relações sociais que compõem um conjunto de valores, uma visão de mundo social historicamente marcada possibilitada pela linguagem, língua, fala.

3.a. F: Em situações de fala dele com era você em relação a outras pessoas? Era difícil ... te constrangia às vezes, quando a família estava reunida? Como você se comportava em relação à fala dele?

M: *Uma leoa porque eles faziam brincadeira e isso me desagradava. Eu percebia que a criança se afastava. Ele falava tudo com Be e eles falavam: “o bebebe chegou”. Crianças começavam a brincar e até alguns adultos da família me lembro que falei para meu esposo: “Não quero mais ir na casa do meu avô. Ah meus tios ficam bebendo faz brincadeira e para não ser mal-educada com eles, não quero ir mais”. Parei de ir na casa de uma determinada parte da família. Depois: “ah não quero mais ir em reunião de família” porque ele ficava incomodado ai ele se afasta ai não quer mais brincar... porque as pessoas fazem brincadeira e ele ficava nervoso porque ele tentava falar e quando ele percebia que as pessoas ficavam repetindo da forma que ele falava ... porque ouvindo ele sabia que estava errado ai ele ficava nervoso e ficava de canto. Ai acabou o dia para mim. Se era uma festa, acabou a festa para mim: “quero ir embora”. Então comecei a me excluir das coisas.*

3.b. F: Como seu marido se comportava em relação à fala da criança?

M: *Ah meu marido é muito tranquilo. Ele não entendia. Eu e minha filha conseguia entender. Meu marido falava: “o que ele falou?” Ai eu falava e ele sempre querendo assim ... deixa eu superproteger, acolher; vem cá, vem aqui, tentava brincar com ele para ele ficar mais calmo. Quando ele chegava eu estava exausta porque fui no parquinho e a criança ficou nervosa. Fui no shopping e chorou. Então ele (o marido) tentava assim amenizar as coisas, né. Mas sempre: “Como foi hoje?” Por isso que a gente tem muitos videos pequenos no celular porque ele falava assim “Nossa! Papai! Ele tentava: “Quero falar com papai!”. Papai ... ficava muito tempo fora.*

3.c. F: Ele viajava muito?

M: *Às vezes ele ia para Minas ou assim o dia todo e quando ele chegava a criança já estava com sono, porque era novinho. Então eu, às vezes, mandava uns videozinhos curtos dele falando e eu falando junto, né, para ele entender, traduzindo, daí ele respondia uma forma da presença dele tá presente no dia a dia da criança.*

3.d. F: No começo ele foi resistente (a fonoaudióloga se refere ao fato de o pai evitar a criança por não entender sua fala)? Como foi? Foi depois que a criança começou a fono, né porque... eu lembro que vocês fizeram um combinado?

M: *Foi sim. Porque: “e se ele me pedir alguma coisa que não vou saber o que ele quer? Como vou fazer?” Ele tinha essa preocupação: “e se eu não entender?” O menino começava a ficar nervoso. Ele falava umas duas ou três vezes aí ele apontava, aí ele falava daquele jeito dele. Na cabeça dele ele tava falando. “Ué minha mãe me entende por que que você não me entende?” O meu marido ficava desesperado: “se eu sair com ele e não conseguir entender”, então, eu tinha que ficar sempre junto ou levar minha menina junto.*

Análise

A relevância desse dado é conhecer a construção discursiva da criança. No entanto, chama a atenção o quanto a fala é impeditiva da relação da criança com seu pai.

“Uma leoa”. A mãe se define por meio dessa memória discursiva⁸ para marcar o quanto acreditava precisar defender o filho que fala como fala, dos julgamentos/comportamentos depreciativos de alguns familiares adultos e crianças. Nesse momento, ela considera que o filho percebe a própria fala, sabe do impacto social que ela provoca, ressentem-se e fica nervoso.

Entretanto, em sua narrativa escapam marcações do forte e intenso mal-estar que esse contexto social lhe causa. A mãe passa a descrever um amálgama de sentimentos sem que seja possível identificar de fato o que é dela e o que ela julga ser do filho. O resultado disso é o distanciamento social que passa a impingir a si própria e ao filho.

O pai é apresentado pela mãe como um parceiro que superprotege e acolhe a criança, porém evita

ficar a sós com ele por temer a fala que não entende. Contudo, não entender a fala do filho não parece ser uma questão para a mãe. Seguida da filha, a mãe se coloca como a interlocutora principal, a tradutora da fala do filho e assim imagina ser reconhecida por ele: “Ué, minha mãe me entende por que você não me entende?” (dado 3.d.). Ela é alguém que precisa ficar junto da criança o tempo todo como sua porta-voz.

Três outros aspectos devem ainda ser considerados:

- O primeiro remete ao cansaço que a mãe demonstra quando se sente sobrecarregada pela função de dar voz ao que imagina que o filho quer dizer, além de lidar com o nervosismo e o choro dele. Comportamentos descritos por ela como impulsionados pela dificuldade de fala dele. A criança parece ter apenas duas interlocutoras: a mãe e a irmã. Já o pai ampara a mãe reconhecendo que o problema do filho, com o qual não consegue lidar, retorna para ela gerando um forte desgaste.
- O segundo aspecto remete à seguinte fala da mãe: “Na cabeça dele ele tava falando” (dado 3.d.). Isso significa reconhecer a falta de percepção do filho em relação à própria fala. Diferentemente, observamos que no dado anterior (dado 3.a) afirmava que o filho percebia sua fala e sofria quando riam dele. Ou seja, a percepção do filho em relação à própria fala representa uma questão muito importante, à medida que dispara atitudes diferentes do interlocutor da criança.
- O terceiro aspecto é a necessidade que a mãe transparece em garantir a relação pai-criança que, inviabilizada pelo uso da língua, ocorre visualmente por meio de pequenos vídeos. Vídeos norteados pelo que a mãe acha que a criança queria dizer ao pai, ou ainda, pelo o que imagina que o pai deseja ouvir, já que “*Papai... ficava muito tempo fora*” (dado 3.b). De início imaginamos que essa ausência seria de um longo tempo, mas vimos no turno 3.c que ele não ficava mais de um dia longe do filho. Por outro lado, podemos interpretar que a interação verbal de pouca partilha, quase interceptada entre pai e filho, particularizou pouco esta relação. Os pequenos vídeos têm, então, a função de aproximar, criar e garantir a permanência virtual de um na vida do outro. Uma relação possível.

8. A expressão “memória discursiva” não se refere à retenção de uma informação, mas “diz respeito às formas significantes que levam uma sociedade a interpretar-se e a compreender-se através dessa interpretação”²⁴.

Dado 4: O acesso da criança à escola e aos processos de leitura e escrita.

A entrada da criança na escola costuma ser um momento especial para ela e sua família. É a primeira separação do que lhe é familiar, um lugar em que seu desenvolvimento e desempenhos cognitivo e psíquico passam a ser observados por diferentes pessoas. Se, no caso de criança com desenvolvimento neuropsicomotor dentro do esperado a escolarização envolve certa complexidade, quando a criança apresenta problema de fala costuma ser muito mais complicado. Isso porque é senso comum a ideia de que uma criança (ou adulto) que não fala, ou que não consegue se fazer compreender, tenha um problema mental ou no mínimo de aprendizagem. O dado prioriza o percurso escolar da criança, marcando especialmente o trabalho realizado pela fonoaudióloga nesta área.

4.a. F: E você se sentia como?

M: *Muito, eu já chorei muito escondida, quando (voz embargada)... quando ele entrou com três anos no ensino infantil ai eu lembro que uma professora me chamou e falou que uma menina da sala falou "eu não quero esse menino perto de mim porque eu não entendo o que ele fala" aquilo, nossa me magoou muito.*

Ela falou "eu não quero esse menino perto de mim". Eu lembro a professora Cleide, foi a primeira professora dele, ela falou assim "não, não é ele que tem que se adaptar a ela, é ela que tem que se adaptar a ele, eu não vou tirar ele da sala porque ela não entende o que ele fala". Ela me disse: "Não mãe, se a gente puder ajudar". Tanto que foram elas que fizeram a carta contando sobre o dia a dia dele.

Ela falou assim "Eu não vou tirar ele para a educação especial, porque ele não precisa". E uma mãe tinha sugerido isso.

4.b. F: Muito legal! E quando ele foi para o primeiro ano? Qual foi o seu sentimento? Porque quando ele foi para o primeiro ano, ele não estava falando 100%?

M: *Férias de dezembro chorando, meu filho não vai conseguir ser alfabetizado o que vai acontecer? Eu tinha muito medo ... muito medo. Tanto é que fui procurar uma escola longe ... é dois quilômetros e meio, mas tem três escolas perto da minha casa. Ai fui visitar, a escola tem uma estrutura melhor vou colocar ele lá. Vai ser longe, mas...*

4.c. F: Qual era o seu medo?

M: *O medo... ele não vai aprender lê e aprender a escrever porque a professora não vai entender ele ...*

4.d. F: Você tinha certeza?

M: *Eu tinha certeza. Tanto que no primeiro dia eu fiquei a última para poder falar com ela. Não! Preciso falar pra ela que ele tem dificuldade porque se ela não entender ele como ele vai aprender...*

4.e. F: Ai você falou o que para ela nesse primeiro dia?

M: *Eu falei para ela a palavra "Apraxia"*

4.f. F: Ela conhecia?

M: *Então, ai ela pegou e prestou atenção. Ai eu falei meu filho tem dificuldade na fala, ai ela falou assim: "Olha, meu filho faz tratamento de DEL. A nossa alfabetização é sonora". Ouvi a palavra sonora já fiquei ... Ela falou assim: "Não se preocupe não. o que eu não entendo eu vou conversando até compreender". Eu sai daquela primeira reunião um pouco mais tranquila e ainda pensando como vai ser? E depois foi superbem. Bem até mais que as minhas expectativas.*

4. g. F: Ele ganhou um certificado ...

M: *Certificado de aluno destaque. Quando recebi o bilhete, ah você vai ter que comparecer aqui, eu perguntei o que é, né? Ela falou assim, a gente vai ter o hino e vamos entregar o certificado de aluno destaque do ano para o seu filho, desempenho (voz embargada). Eu fiquei assim, nossa não acredito, aquilo foi.... eu tenho que colocar, emoldurar, porque aquilo para a gente foi, pra eu que não achava que seria alfabetizado, achava ... que ele ia ter dificuldade*

Análise

Confirmando o medo da mãe, o dado 4.a. mostra como a produção da fala pode avaliar equivocadamente o cognitivo e decidir o enquadramento institucional escolar da criança como um *aluno especial*. A atitude acertada da escola em não caracterizar o aluno como "especial" fez com que os pais a considerasse confiável. Entretanto, a mudança de escola que o Estado propõe conforme a criança avança em sua escolarização, somado à dificuldade de fala que a criança apresenta, retornaram como fortes temores para os pais.

No momento em que a criança muda de escola, ela conta com sete anos e já está falando, interferindo em sua própria fala no sentido de ajustar-se à fala do outro, ou seja, à língua. Todavia, parece que foi apagado pela mãe o trabalho fonoaudiológico voltado para a conscientização da criança em relação a todos os aspectos necessários que envolvem

e dão condições para a manifestação da fala: consciência fonológica, processamento auditivo, gestos articulatórios, planejamento motor, entre outros.

O mesmo foi feito pela fonoaudióloga em relação ao letramento e, partindo sempre do interesse da própria criança, se chegou aos princípios de aquisição de leitura e escrita: familiarização da criança com imagens e escrita presente na cultura e sociedade em que vive, relação som e letra, apresentação de diferentes gêneros de leituras e interdiscursos da literatura infantil e, por fim, o princípio do uso social da escrita.

Por outro lado, os termos - “apraxia”, “DEL”⁹, “sonora” - calibrou positivamente a relação da mãe com a professora. Os termos “apraxia” e “DEL”, aparentemente, marcam a igualdade de ambas como mães de filhos que não falam direito. Esse alinhamento materno parece ter interferido para que todo o sucesso escolar da criança fosse creditado ao ambiente escolar, desmembrando disso todo o intenso trabalho fonoaudiológico realizado.

Mas a escola teve outra interpretação. A professora e a coordenadora pedagógica da escola frequentada pela criança enviaram para a fonoaudióloga, em 2016, um relatório reconhecendo o quanto a fonoterapia sustentou e facilitou a entrada dele nos processos de aquisição de leitura e escrita. Como resultado de seu ótimo desempenho, no final do primeiro ano escolar (2018), a criança recebeu o “Certificado de aluno destaque”.

Dado 5: Como aparece na fala da entrevistada o acompanhamento fonoaudiológico do filho.

A apresentação desse conjunto de dados põe em relevância pontos cruciais do acompanhamento longitudinal. Fato que exigiu da fonoaudióloga a busca por conhecimentos teóricos e estratégias de práticas clínicas para ampliar e deslocar a AFI, geralmente interpretada como uma questão motora para uma questão de linguagem. E, por isso, optou-se pela inclusão de atividades envolvendo o desenho como representação da linguagem falada e como precedente da escrita. Decisão crucial para ultrapassar a prática hegemônica de execução

9. O Distúrbio Específico de Linguagem (DEL) compromete o desenvolvimento da linguagem e pode atingir a fonologia (sons da língua), o léxico (vocabulário) e a sintaxe (estrutura). Mais comum em meninos. Atualmente esse termo não é usado e foi incorporado ao “CID 10 - F80 Transtornos específicos do desenvolvimento da fala e da linguagem”.

repetitiva e sequencial de movimentos orofaciais para a produção de fala. Nesse conjunto de dados, busca-se recuperar a relação da mãe com o trabalho fonoaudiológico realizado com o filho, com as orientações recebidas e conhecer a repercussão da fonoterapia em outras esferas da vida da criança.

5.a. F: Eu lembro de uma época, lá no começo, que você dizia assim: “A criança não fica só ele e o pai. Eu sempre tô junto”. Como é hoje?

M: *Hoje a gente tem um combinado para os finais de semana. De sábado eu sempre saio com minha filha e os dois ficam juntos. Eles falam que é o dia dos meninos. Então, agora, como o meu esposo não entendia ele direito, precisava que eu traduzisse tudo. A criança tentava falar com ele, “mas eu não estou entendendo!!!”. Agora não, eu tenho minha aula de artesanato de sábado, minha menina sempre faz comigo. Ela tem os compromissos dela e a gente deixa os dois. Os dois vão jogar bola, os dois vão para cinema. E dizem vocês não podem ir junto. Então eles se aproximaram bem mais e a gente sentou e conversou sobre isso.*

5.b. F: E quando vocês saiam? Eu lembro de você contar assim: quando os amigos da minha filha iam em casa eu evitava um pouco da criança ficar por perto porque eu ficava preocupada de as pessoas não entenderem. Como era isso? Conta um pouquinho.

M: *Porque a criança gosta de ficar conversando daí ele não para. Ai você percebe que a pessoa está tentando entender e não consegue. Pela expressão da pessoa e eu ficar do lado toda hora traduzindo acabava ficando muito chato. Então eu falava assim: “criança vai brincar”, tirava ele de perto porque eu ficava traduzindo ou ela (a irmã) traduzindo. Ficava um pouco chato ficar traduzindo e ele queria continuar o assunto, ele queria que a pessoa entendesse ele.*

5.c. F: Como é hoje quando você olha lá para trás?

M: *Eu vejo uma mãe insegura, tenho vontade de falar assim, olha bobinha não fica assim não, vai melhorar. Porque... eu... ficava... Eu não conseguia ver o futuro, ficava com medo, por isso que eu pesquisava sobre apraxia. Será que alguma criança conseguiu falar?*

5.d. F: E no começo você apostou que ia conseguir falar ou você achava que ...

M: *Eu achava que ia ser mais longo. Imaginava ele na adolescência, ... como é adolescente tem*

uma consciência maior de que tem que se esforçar. Como uma criança vai entender que ela tem que se esforçar? Como ela vai compreender o que ela tem que fazer? A criança leva tudo na brincadeira. Como que ele vai compreender que ele tem que fazer dessa forma para ele poder melhorar. Ai eu esperava que o processo fosse mais longo.

5.e. F: Se você pudesse contar alguma coisa para uma outra mãe que está começando lá onde você começou. O que vocêalaria?

M: Se esforça e o trabalho em casa também. Fazer tudo trabalhando. Eu entregava a comida para ele falando o nome da comida. É uma coisa que ficou automático na nossa casa, tudo o que a gente pegava na mão a gente tinha que falar o nome e falar o nome pausadamente. Então eu falava nossa quem é estranho e chegar em casa, casa de louco, né? Ai pegava assim, porque tudo o que a gente falava pra ele, ele repetia, então eu tinha que falar de forma pausada para ele repetir da forma certa. Então, era assim vir aqui uma vez por semana. Tinha em casa, tinha escola, então caminhar tudo junto, todo mundo de dentro de casa abraçar... O pai não vai falar errado, porque tem gente que tem mania de falar errado com criança. Não você não vai falar errado com ele! Você vai falar certo! Você não vai falar uma fala de bebê. Porque ele é pequenininho. Eu falava com a minha filha essas gírias que você usa, não vai falar aqui dentro porque se ele aprender eu vou ficar brava com você! Cuidado, com o que você ouve perto dele eu quero que ele aprenda o certo. Mas aprenda o certo! Então se todo mundo uni, dá certo!

5.f. F: E se você pudesse falar uma coisa para uma fono, isso foi bom, isso foi ruim...

M: Olha em relação a você eu não teria o que falar para você, mas eu passei por uma outra fono que virou para ele e falou". Se você não falar direito eu não vou te entender!" e ele chorou. Se ele falasse direito não ia precisar levar em fono. Eu estava do lado de fora com meu esposo e ela e ele falou do jeito dele balbuciando, foi uma triagem. Ela falou assim que ele tinha preguiça. Não usar a palavra "preguiça". Eu acho que a palavra preguiça não se encaixa em alguém que tem dificuldade na fala. Porque tem alguma limitação, tem alguma coisa ali. Falar a palavra preguiça a mãe vai se acomodar. A mãe vai falar assim "é preguiça, na hora que ele não tiver mais preguiça ele vai aprender a falar, então". E a mãe, às vezes, nem vai a fundo e de repente a criança tem algo mais grave algo que tem que ser tratado com mais atenção e, ela ouviu a palavra preguiça. Foi a primeira palavra que eu ouvi "preguiça". Só que ai ele vai entrar para uma fila de espera e quando tiver quatro cinco anos a

gente chama ele. Foi isso que eu ouvi.

5.g. F: A última pergunta: Eu senti você contando no seu relato que no começo fazia falava as palavras, as orientações que a gente fazia aqui você fazia em casa ...

M: Exatamente ...

5.h. F: É interessante! Eu falo sempre do seu filho. Eu tenho outras crianças com apraxia, mas ele foi o meu primeiro caso, assim, sistematizado, que eu peguei desde o comecinho. Ai a gente estuda muito na apraxia que é um treino constante. Hoje eu vejo criança que vai na terapia três vezes por semana e ele não fez isso. Era meia hora, uma vez por semana. Uma coisa boa era que você não faltava e a gente conseguiu sistematizar o trabalho. E a gente consegue trabalhar. Foi rápido até o tratamento dele, né? Então, a função da universidade é essa também de detectar pontos, saber onde tem que ser mais direto para não virar também uma coisa maçante, cansativa, porque o treino é muito chato.

M: É chato as pessoas não saberem o que que é apraxia e faz um caminho totalmente errado. Ai fica achando que tem... ah tem autismo, tem isso, tem aquilo. As pessoas acham que tem tudo e no fim é algo que podia ser trabalhado de uma forma mais simples, sem tantos sustos. Fica tratando a criança como se fosse especial, a criança tem que ter um professor assim. Não! A criança vai ter aula como as demais, no caso dele aprendeu sem nenhuma dificuldade. Ai se fica tratando assim... em cima da criança, você não dá recurso para a criança se desenvolver.

5.i. F: E foi bacana uma coisa, estudando sobre a apraxia, sobre a coordenação motora fina, o desenho foi uma coisa que propus muitas vezes para ele. Tenho todo o processo dos primeiros... que eram só... pingos e depois os super-heróis. O quanto evoluiu.

M: Ele se expressa muito com o desenho.

5.j. F: O desenho é uma coisa importante também em alguns casos de apraxia ...

M: Ele fez um livro contando uma história porque ele tem muitos gibis em casa e gosta muito. Ele foi fazendo as ilustrações e eu fui folheando e virou um livro...

F: A evolução do desenho foi uma coisa assim que eu também considerei e faço questão de mostrar quando dou uma aula porque é motor. A fala e um ato motor, visuomotor...

5.k. F: Tenta relembrar quando seu filho começou a falar. Fala, não aqueles sons, qual foi o seu sentimento?

M: *Eu não percebi.*

5.l. F: Jura?

M: *Porque a gente tava treinando por partes, não percebi, foi na hora que fui comparar com vídeos que você sempre filmava também. Nossa! Ou então foi, um dia fui visitar, fui na casa do meu avô e meus tios olharam e falaram “Nossa, ele tá falando!!!” Bom, mas para mim aquilo foi natural. Em casa a gente não percebeu “Ah, ele já tá falando?” Foram pessoas de fora que falou “Nossa, como ele melhorou bem, eu tô entendendo o que ele está falando!!”*

Análise

Na narrativa da mãe aparece o longo e exaustivo trabalho que faz com o filho sob orientação fonoaudiológica, inclusive a surpresa que teve com a evolução da criança em tempo muito mais curto do que o imaginado. Entretanto, o trabalho fonoaudiológico de orientação em algum momento perde essa chancela e é apropriado pela mãe quando assume o papel de ela própria orientar e explicar para outras pessoas como lidar acertadamente com a apraxia e com a criança apráxica.

Diante do questionamento da fonoaudióloga no dado 5.f.: “E se você pudesse falar uma coisa para uma fono, isso foi bom, isso foi ruim”. Faz parte da resposta da mãe a lembrança da atitude da outra fonoaudióloga (dado 1.c) considerada inapropriada, como falta de conduta ética e de formação teórica.

A fonoaudióloga retoma com a mãe a base teórica que sustenta a relação motora mão e boca (fonoarticuladores) e, principalmente, a característica simbólica e expressiva que o desenho permite. As respostas da mãe se tornam restritas (dados 5.i. e 5.j.) talvez por não conseguir dimensionar a importância da base teórica implicada no desenvolvimento dessa habilidade. Desse modo envia para o reconhecimento do “bom ilustrador” que o filho se tornou, como se isso fosse natural e não houvesse um trabalho linguístico dirigido para os polos motor e representativo que o desenho possibilita.

O dado 5.k. em que a mãe relata que não percebeu o filho falando nos chamou a atenção porque é representativo de muitas considerações, mas elencaremos apenas duas: 1. Parece-nos que, por muito tempo, ele falar ou não falar não marcou sua diferença na família: quando ele não falava na língua, a mãe falava por ele e, finalmente, quando

começa a falar, passa despercebido; 2. Com todas as estratégias usadas pela fonoaudióloga para levar a mãe a ressignificar sua posição de *tradutora*, a “tradução” continua ocorrendo no ambiente familiar afetando o fluxo de interlocução do/com o filho. Ou seja, a fala da mãe no lugar do filho continua sendo valorizada pela irmã e pelo pai, pois também não perceberam mudança da fala da criança, também não o tomam como interlocutor de fato. Mesmo quando isso já ocorria há tempos na cena terapêutica.

Isso ocorre a despeito de a fonoaudióloga trabalhar com um programa que permite comparar, em áudio e vídeo, a fala inicial da criança e diferentes momentos posteriores de terapia. Além disso, o traçado evolutivo do desenho e a percepção de ritmo também foram feitos assim. Todos esses aspectos foram apresentados à mãe, em diferentes intervalos de tempo ao longo do acompanhamento, justamente para marcar a conquista do filho por uma nova condição de falante.

Completa a análise o reconhecimento da extrema dificuldade de a família atribuir à criança um lugar de fala e de como o social (o externo), incluindo a cena fonoaudiológica, funciona como lugar de escuta da fala da criança e de certo confronto para a mãe. Isso pode ser observado à medida que ora o social (os outros) chama a atenção dela para a “falta” de fala do filho atribuindo-lhe uma possível anormalidade (dado 1.a), ora reconhecendo a criança como um interlocutor - “... estou entendendo o que ele está falando...” (dado 5.l.). Vale ressaltar que ambas as situações sociais extrafamiliares, tanto quando marcam a falta como quando identificam a presença, funcionam sobre o vir a ser da criança: um vir a ser falante.

A parceria mãe-fonoaudióloga se mostrou firme e delicada com intervenções fonoaudiológicas priorizando a ideia de que a mãe pudesse assumir o lugar daquela que puxa a criança pelo simbólico.

Discussão

A partir das questões inicialmente propostas, discutiremos os pontos relevantes que o estudo apresenta.

A dificuldade de acesso ao atendimento fonoaudiológico (Estado e convênio), gera longo tempo de espera, interferindo negativamente na vida da criança e aumentando a angústia familiar. Além disso, é do fonoaudiólogo a máxima respon-

sabilidade diante de questões de fala e de linguagem (avaliação e o acompanhamento fonoaudiológico) de crianças afetadas pela AFI, o que exige conhecimento sobre o processo de aquisição de fala e linguagem e de suas interfaces (sistemas motor, de atenção, de memória, de cognição, língua, discursividade, entre outros).

Diferentes questionamentos fonoaudiológicos aparecem e aguardam por resolução: O quanto uma criança com AFI percebe a própria fala? Quando a AFI é colocada exclusivamente como uma questão motora parece haver também a inferência de que a criança entende tudo o que lhe é dito e que por isso sua relação com a mãe e com os outros está garantida, apesar de não falar¹⁰? No estudo apresentado vimos uma criança com AFI que interage basicamente apenas com a mãe. Além disso, trata-se de uma relação específica visto que depende da presença física de ambos no mesmo contexto. Será que isso é recorrente? O estudo desenvolvido por Bordin¹¹ também apresenta esse mesmo achado.

Buscar a compreensão de quais caminhos a relação mãe-criança se consolida torna-se importante em função do que essa matriz dialógica representa no processo de aquisição de fala e linguagem (universo simbólico). O que só será possível à medida que se considerar que a AFI traz uma questão que recobre tudo o que a linguagem integra: interação, interlocução, subjetivação, língua, fala, discursividade, pragmática, aspecto socio-histórico-cultural, cognição e memória. Afinal, “Aquilo que chamamos de língua é também, e principalmente, um conjunto indefinido de vozes sociais”²⁰.

Diante disso parece necessário questionar a ideia de que se uma criança afetada pela AFI começar a produzir os sons corretamente, sua vivência com a língua se atualizará simultaneamente. Isso parece não ocorrer, pois pra Bakhtin²⁰ “[...] a unicidade do meio social e a do contexto social imediato são condições absolutamente indispensáveis para que o complexo físico-psíquico-fisiológico que definimos possa ver vinculado à língua, à fala, possa tornar-se um fato de linguagem”.

Nos trechos da entrevista apresentada vimos que a *tradução* da mãe retratava a “adivinhação” sobre a intenção, sobre a proposta de fala do filho.

10. Na clínica fonoaudiológica há um discurso vigente que alcança pais e profissionais de que “a criança não tem problema nenhum, apenas não fala”. Afirmção que reduz a fala a um ato puramente motor dissociado da linguagem.

Atitude que postergou, instalou ou modificou a dificuldade do filho?

Existe um conhecido ditado italiano - “Todo tradutor é um traidor” - que costuma ser lembrado para explicar a polêmica de que nenhuma tradução é verdadeiramente o texto original, porém essa não seria a traição. A traição seria que, diante da impossibilidade de se traduzir um texto (ou uma fala), o tradutor forneceria em seu lugar uma obra inteiramente nova. O prolongamento do período de desencontros e opacidade na relação de fala entre a mãe e criança parece retratar exatamente essa “traição”.

Ficar atentos à questões como essas interfere no trabalho fonoaudiológico exigindo da profissional movimentos terapêuticos que alcem a mãe de uma condição paralisante para o movimento simbólico e que esse movimento carregue a criança e lhe dê a conscientização perceptiva daquilo que fala e daquilo que escuta, o funcionamento da língua, o lugar de interlocutor.

Destacamos que priorizar a AFI como uma questão de linguagem, língua e fala não significa desconsiderar o aspecto motor da fala na língua. O processo fonoaudiológico que descrevemos é amplo e recobriu a experiência motora sequencial, sempre acoplada ao ritmo, à entonação, ao sentido da fala. Ressalta-se ainda que o movimento terapêutico alcançou no desenho a representatividade que precede a escrita, um lugar possível de fala e de exploração de diferentes percepções e organizações motoras sequenciais no tempo e espaço.

Trata-se de áreas proprioceptivas e sensoriais importantes que recrutam habilidades motoras finas das mãos que, somadas às da boca, proporcionam uma exacerbação das sensações e percepções corporais, tal qual representada pelo homúnculo de Penfield. Uma vez que o homúnculo cortical retrata a proporção maior da área de representação cortical das mãos e orofacial, demonstrando a importância sensorial e motora dessas regiões¹⁹.

Retomando a importância do desenho, o termo “escrita” compreendido como “representação” permite que desenhos sejam utilizados com a finalidade de registro. De tal modo, em casos de crianças pequenas que ainda não escrevem, atividades cotidianas como listas e lembretes (entre outros) podem ser representados com desenhos, ou misturando estes a letras e números. A relevância dessas atividades é promover na criança novas relações no campo do significado, entre situações imaginárias

e reais³. Ou seja, representa uma possibilidade de a criança ficar imersa em um trabalho linguístico da preparação do que quer dizer.

As análises realizadas recuperam a relação da mãe com o trabalho fonoaudiológico, com as orientações e a projeção da fonoterapia em outras esferas da vida da criança. Tornou-se facilmente reconhecível que a parceria fonoaudióloga-mãe foi fundamental para a fluidez do acompanhamento da criança. As minúcias desta relação revelam períodos de tensão, de bloqueio, de complementariedade que teoricamente justificados resultaram em sucesso terapêutico. O reconhecimento do trabalho fonoaudiológico na área de leitura e escrita não foi plenamente alcançado pela mãe e, para além da carga emocional atrelada ao espaço escolar no caso, fica o questionamento se o campo da Fonoaudiologia faz uma forte marca de identidade quanto sua atuação clínica na área.

As orientações fonoaudiológicas dirigidas à mãe passam pelo ajuste da explicação teórica a uma linguagem menos formal, realçando, sobretudo, o conhecimento fonoaudiológico quanto aos aspectos neurofuncionais das percepções, das sensações, das praxias, da cognição, da linguagem, da língua, do discurso e da fala. Enfim, as orientações assim conduzidas mantêm o objetivo de que a mãe compreenda o que está sendo feito e porque. Porém, isso nem sempre acontece em um tempo comum ao trio (mãe, criança, fonoaudióloga). O acompanhamento fonoaudiológico acontece em três tempos - o da mãe, o da criança e o da fonoaudióloga. Faz parte do trabalho da fonoaudióloga ajustar o eixo dos tempos promovendo encontros e deslocamentos terapêuticos.

Conclusão

Este trabalho se propôs a analisar diferentes aspectos teóricos e clínicos que incidem na cena terapêutica relacionada à AFI. Dentre estes, dá-se relevância ao exercício teórico/clínico que exige do profissional movimentos terapêuticos de ajustes quanto ao tempo da criança, da mãe e de si próprio. Disso decorre a necessidade de se ampliar o olhar para a AFI identificando que sua cena terapêutica não se restringe ao ajuste motor da fala, mas alcança a linguagem e a língua como condição de subjetivação do sujeito¹⁶.

F: Você falou, “ah eu era uma leoa” e eu penso assim, né, essa palavra me marcou demais, mas quando você falou: “eu editei pra não fica...”.

M: *Eu limitei ele, limitei... com medo que ele sofresse com medo que... pra proteger, eu limitei ele. Eu podia deixar, não ele vai se virar, mas eu não queria deixar ele se virar.*

F: Qual sentimento que vinha?

M: *Vão magoar ele, vão chatear ele, mas na verdade quem ficava mais magoada era eu porque aquilo passava, ele esquecia tudo muito rápido. Ele se chateou na hora, frustrou, mas daqui a pouco foi brincar, mas aquilo para mim eu carregava.*

Em referência ao fato de que a criança passou a não aceitar as escolhas que a mãe fazia para ela, confrontando-a constantemente.

F: Mas era uma coisa que você até meio que forçava ele assistir...

M: *Ah toda criança assistia. Eu achava que o resto era muito, era para uma criança mais velha e ele gosta das coisas de criança mais velha. Ai ele fala “Não gosto disso!”. A primeira vez falei “ta bom tó o controle” ali e ele “é o canal que a tata assiste que eu gosto”.*

Assim é que a linguagem pode ser compreendida como *ação*, como *força de trabalho*, como *jogo simbólico*, como *transformação*, à medida que “tomar a palavra é um ato social com todas as suas implicações, conflitos, reconhecimentos, relações de poder, constituição de identidade”²⁵.

Referências

1. Navarro PR, Silva PMVA, Bordin SMS. Apraxia de fala na infância: para além das questões fonéticas e fonológicas. *Distúrbios da Comunicação*. 2018; 30: 475-89.
2. Catrini M, Lier-DeVitto MF. Apraxia de fala e atraso de linguagem: a complexidade do diagnóstico e tratamento em quadros sintomáticos de crianças. *CoDAS*. 2019; 31(5): e20180121.
3. Vygotsky LS. *Pensamento e linguagem*. Lisboa: Antídoto; 1979.
4. Günther H. Pesquisa qualitativa *versus* pesquisa quantitativa: esta é a questão? *Psicol Teor Pesqui*. 2006; 22(2): 201-10.
5. Triviños ANS. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas; 1987.
6. Manzini EJ. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: Marquês MC, Almeida MA, Omote S, organizadores. *Colóquios sobre pesquisa em educação especial*. Londrina: EdUEL; 2003. p. 11-25.

7. Transcrições. Regras para transcrição de áudio. 2017 jun. 22 [acesso em: maio 2019]. Disponível em: <https://transcricoes.com.br/regras-para-transcricao-de-audio-da-transcricoes/>.
8. Benveniste E. Os níveis de análise linguística. In: Benveniste E. Problemas de linguística geral I. 4. ed. Campinas: Pontes; 1995. p. 127-140.
9. Franchi C. Linguagem: atividade constitutiva. Cad Estud Linguíst. 1992; (22): 9-39.
10. Coudry MH. Neurolinguística discursiva: afasia como tradução. Estudos da Língua(gem). 2008; 6(2): 7-36.
11. Bordin SS. Da prosódia à escrita e da escrita à fala. Prolíngua. 2013; 8(2): 107-20.
12. Vygotsky LS. La imaginación y el arte en la infancia. Cidade do México: Hispánicas; 1987.
13. Freud S. (1891). La afasia. Buenos Aires: Nueva Visión; 1973.
14. Navarro PR. Fonoaudiologia no contexto da equoterapia com crianças autistas: uma reinterpretação a partir da neurolinguística discursiva. Cad Estud Linguíst. 2018; 60(2): 489-506.
15. Bordin SMS, Freire FMP. Neurolinguística discursiva: contribuições para uma fonoaudiologia na área da linguagem. Cad Estud Linguíst. 2018; 60(2): 384-99.
16. De Lemos CTG. Sobre o estatuto linguístico e discursivo da narrativa na fala da criança. Linguística. 2001;13: 23-60.
17. De Lemos CTG. Los procesos metafóricos e metonímicos como mecanismos de cambio. Substratum. 1992;1(1):103-20.
18. Scarpa EM. Interfaces entre componentes e representação na aquisição da prosódia. In: Lamprecht RR, organizadora. Aquisição de linguagem: questões e análises. Porto Alegre: EDIPUCRS; 1999. p. 17-38.
19. Silva PMVA. Deficiência visual e sistema estomatognático: uma relação de importância para a fonoaudiologia [tese]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas; 2018.
20. Bakhtin MM. Marxismo e filosofia da linguagem. 6. ed. São Paulo: Hucitec; 1992.
21. De Lemos CTG. Língua e discurso na teorização sobre aquisição de linguagem. Let Hoje. 1995; 30(4): 9-29.
22. Pinto GU. Elaboração de conceitos, processos de significação e funções psicológicas superiores. Revista de Educação PUC-Campinas. 2017; 22(1): 37-50.
23. Dicionário inFormal. Editar. 2010 fev. 25 [acesso em: maio 2019]. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/editar/>.
24. Gregolin MRV. Análise do discurso: os sentidos e suas movências. In: Gregolin MRV, Cruvinel MF, Khalil MG, organizadoras. Análise do discurso: entornos do sentido. Araraquara: UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora; 2001. p. 9-34.
25. Orlandi EP. Identidade linguística escolar. In: Signorini I, organizadora. Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado de Letras; 1998. p. 203-12.